

SPADA, Nina. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira: uma entrevista com Nina Spada. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 2, n. 2, 2004. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

## **LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

### **– UMA ENTREVISTA COM NINA SPADA**

Nina Spada  
University of Toronto

**ReVEL - Quais são as contribuições mais importantes da Linguística Moderna para o ensino de língua estrangeira?**

**Spada** - Uma das primeiras e mais significativas contribuições da Linguística Moderna para o ensino de segunda língua e de língua estrangeira foi a concepção de linguística estrutural, que, quando combinada com a teoria behaviorista de aprendizagem, levou ao desenvolvimento do método audiolingual. Esse método, considerado o primeiro método "científico" de ensino de língua, passou a dominar a área por muitas décadas antes da chegada da "revolução linguística" de Chomsky no final dos anos de 1960, com a introdução da Gramática Universal (GU). A ideia de que existe uma gramática universal das línguas humanas se originou com a visão de Chomsky sobre a aquisição da língua materna (L1). Ele estava procurando uma explicação para o fato de que praticamente todas as crianças aprendem sua língua em um momento de seu desenvolvimento cognitivo em que elas estão experimentando dificuldades para conquistar outros tipos de conhecimento que parecem ser bem menos complicados do que a linguagem. Chomsky argumentou que isso não poderia ser conquistado pela mera exposição a amostras de linguagem no ambiente linguístico, porque a língua a que a criança é exposta é incompleta e algumas vezes "degenerada" ou fragmentária. Além disso, as crianças parecem ser capazes de adquirir sua língua materna sem qualquer "feedback"

sistemático de correção, nem qualquer instrução. Chomsky então concluiu que as crianças devem ter uma faculdade inata da linguagem - um mecanismo com o qual elas já nascem - que as torna capazes de "decifrar o código" da linguagem que elas eventualmente irão aprender como língua materna, através de um processo de formulação de hipóteses e testes.

Mesmo que Chomsky não tenha um interesse particular por ensino ou aprendizagem de segunda língua, seu trabalho influenciou as duas áreas. Uma visão de aprendizagem de segunda língua que compartilha alguns pressupostos da abordagem da GU é a Monitor Theory, de Krashen (1982). Com base em pesquisas em aquisição de segunda língua (L2), Krashen propôs que, por a aprendizagem em L2 ser similar à aprendizagem em L1, deveriam ser feitos esforços para criar ambientes em salas de aula de L2 que se aproximassem das condições da aquisição de L1. Ele supôs que, se aprendizes de L2 fossem expostos a um "input compreensível" e se recebessem oportunidades de se concentrarem mais em significados e mensagens do que em formas gramaticais e acuidade, eles seriam capazes de adquirir sua segunda língua de forma parecida com que os aprendizes de L1 aprendem sua língua materna. Dessa forma, a Monitor Theory disponibilizou um considerável apoio para o ensino de língua estrangeira e segunda língua, particularmente para o Communicative Language Teaching (CLT) e para o movimento que não se centrava em forma linguística, mas em comunicação e significado.

Uma outra importante contribuição da Linguística Moderna para o ensino de língua estrangeira, e particularmente para o CLT, pode ser encontrada na teoria da competência comunicativa, proposta pelo sociolinguista Dell Hymes no começo dos anos 1970. Essa teoria postula que saber uma língua inclui muito mais do que saber as regras de sua gramática (i.e. competência linguística). Hymes chamou a atenção para a importância das regras do uso linguístico (i.e. competência comunicativa). Essa visão levou a diversos desenvolvimentos no campo do CLT, incluindo a criação de currículos comunicativos, materiais de ensino de línguas e metodologias. Desde a década de 1980, o CLT, em suas várias formas e interpretações, tem continuado a dominar o campo de ensino de segunda língua e também, cada vez mais, o campo de ensino de língua

estrangeira. É claro que a Linguística é apenas uma das disciplinas que têm influenciado o ensino de língua estrangeira. Há muitas outras que têm desempenhado um papel muito importante, como a psicologia e a educação.

**ReVEL - Você acha que é importante que um professor de língua estrangeira tenha uma formação em Linguística?**

**Spada** - Eu acredito que uma formação em Linguística é muito importante para os professores de língua estrangeira se essa formação for suficientemente abrangente, abordando aspectos formais, funcionais, pragmáticos e sociolinguísticos da linguagem. O professor com formação em Linguística deveria não apenas compreender o funcionamento da linguagem, mas também entender como o aluno faz esforços para aprender. Assim, o professor pode ter a sensibilidade para compreender os erros e outras características do desenvolvimento do aprendiz de língua estrangeira. Então, eu acredito que é importante para o treinamento linguístico incluir algo sobre como as línguas são aprendidas. Obviamente, os professores de língua estrangeira deveriam não apenas possuir conhecimento e domínio avançados da língua, mas também a habilidade de fazer esse conhecimento acessível e compreensível para o aluno. Frequentemente esse tipo de conhecimento é obtido em cursos de gramática pedagógica que são tipicamente oferecidos em programas de Linguística Aplicada e não em programas de Linguística.

Nas palavras de um conhecido linguista aplicado, "parece razoável esperar que os professores devam saber a sua matéria [i.e. a língua]. Esse conhecimento fornece as bases de sua autoridade e dá a garantia da ideia de que eles estão praticando uma profissão. Sem esse conhecimento especializado, eles não têm autoridade, nem profissão... O mínimo que poderíamos esperar dos professores, então, é que eles saibam a sua matéria" (Widdowson, 2002, p. 67).

## **ReVEL - O quanto um professor pode aprender ao analisar os erros dos alunos?**

**Spada** - Como Corder (1967) afirmou em seu artigo sobre a análise de erros, "quando os alunos produzem 'frases corretas', eles podem apenas estar repetindo algo que já tenham ouvido; quando eles produzem frases que diferem da língua-alvo, podemos crer que essas frases refletem o verdadeiro conhecimento do aluno sobre as regras e padrões daquela língua." Eu acredito que os erros dos alunos são uma fonte muito importante para o professor de língua estrangeira. Eles são uma espécie de janela que nos mostra o que está acontecendo "dentro da mente do aluno" e podem ajudar os professores de diversas formas. Por exemplo, prestando atenção aos erros dos alunos, os professores podem diagnosticar que tipos de erros os alunos estão cometendo e então decidir o que fazer com eles. Os erros também sempre fornecem uma indicação sobre o progresso do aprendiz e, por isso, podem ajudar no processo de avaliação. A ocorrência de um número mais alto de erros do que o esperado em determinada atividade pode indicar que aquela atividade está muito difícil. Por outro lado, poucos erros de certo tipo podem indicar ao professor que o processo de aprendizagem está acontecendo. Por isso, um professor pode aprender um bocado analisando os erros dos alunos.

A habilidade de perceber e analisar os erros dos estudantes requer um sólido conhecimento da língua que está sendo ensinada. Conhecer a língua materna do aluno também pode ajudar bastante. Este último tipo de conhecimento pode ser um objetivo mais realístico ao se ensinar língua estrangeira (ao contrário de segunda língua), em que tipicamente a maioria dos estudantes compartilha da mesma língua materna.

## **ReVEL - Qual você acredita que seja a melhor idade para que uma criança comece a aprender uma língua estrangeira?**

**Spada** - Praticamente qualquer um diria "quanto mais novo, melhor", quando se trata de aprender uma língua estrangeira através da educação formal, em escolas. Contudo, tanto a experiência como a pesquisa têm mostrado que estudantes mais velhos podem

obter um nível de proficiência alto, se não nativo, em uma língua estrangeira. Então a resposta para a pergunta "qual é a melhor idade para que as crianças comecem a aprender uma língua estrangeira" depende de diversos fatores, sendo os dois mais importantes: 1) os objetivos e as expectativas do programa instrucional e 2) o contexto em que o ensino acontece.

Se o objetivo de aprender/ensinar uma língua estrangeira é obter o mais alto nível de habilidade na segunda língua, ou seja, o nível em que um falante de segunda língua se torne igual ao falante nativo, há sustentação para o argumento de "quanto mais cedo, melhor". Esse apoio, encontrado na literatura sobre a hipótese do período crítico, é baseado no princípio de que fatores biológicos e maturacionais limitam a capacidade de aprendizagem de línguas depois de uma determinada idade.

No entanto, alcançar a fluência de uma língua estrangeira em um nível de falante nativo não é o objetivo de todos os alunos em todos os contextos. Na verdade, a maioria dos aprendizes de língua estrangeira está principalmente interessada em obter uma habilidade básica de comunicação na língua estrangeira, porque a sua língua materna continuará sendo a sua língua principal. Nesses casos, pode ser mais eficiente começar o aprendizado da língua estrangeira mais tarde. Pesquisas têm mostrado que, quando recebem apenas algumas horas de instrução por semana, alunos que começam mais tarde (por exemplo, por volta dos 10-12 anos, ao invés de 6-8 anos) geralmente se igualam com aqueles que começaram mais cedo. Sendo assim, uma ou duas horas por semana não irá produzir falantes de segunda língua muito avançados, não importa o quão cedo tenham começado.

**ReVEL - Que livros você poderia sugerir para os professores de língua estrangeira que queiram saber mais sobre a Linguística Aplicada ao ensino de segunda língua e de língua estrangeira?**

**Spada** – Brown, H.D. (1994). *Principles of language learning and teaching* (3<sup>rd</sup> edition). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Regents.

Candlin, C. & Mercer, N. (Eds.) (2001). *English language teaching in its social context: A reader*. New York: Routledge.

Hinkel, E. & Fotos, S. (Eds.) (2002). *New perspectives on grammar teaching in second language classrooms*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Lightbown, P.M. & Spada, N. (1999) *How languages are learned (2<sup>nd</sup> edition)*. Oxford: Oxford University Press.

Trappes-Lomax, H. & Ferguson, G. (2002). *Language in language teacher education*. Amsterdam: John Benjamins.

Schmitt, N. (Ed.) (2002). *An introduction to applied linguistics*. Oxford: Edward Arnold.

Stern, H.H. (1993). *Fundamental concepts of language teaching*. Oxford: Oxford University Press.